



Modalidade do trabalho: Relato de experiência  
Evento: XIV Jornada de Extensão

## LABORATÓRIO DE ARTES E DESIGN<sup>1</sup>

Rosana Berwanger Silva<sup>2</sup>, Luise Walber<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Projeto de Extensão da UNIJUI, Departamento de Humanidades e Educação – Curso de Artes Visuais

<sup>2</sup> Professora Orientadora, Mestre em Artes Visuais com ênfase em História, teoria e crítica da arte, Curso de Artes Visuais, rosanas@unijui.edu.br

<sup>3</sup> Bolsista PIBEX/UNIJUI, acadêmica do Curso de Artes Visuais luise.walber@unijui.edu.br

**Introdução** O Projeto de Extensão iniciou suas atividades no ano de 2000 e contou com a participação de professores do Curso de Artes Visuais e Design da UNIJUI. Como meta principal, pretendia realizar aulas de desenho, pintura e cerâmica para a comunidade em geral. Com o passar dos anos, transformações foram ocorrendo e o projeto foi se firmando, com sua ação na área de artes, com as linguagens do desenho e da pintura. Ao longo desses treze anos, um projeto que iniciou com uma base estritamente empírica, foi aos poucos constituindo uma proposta metodológica de ensino em atelier de artes, abrindo espaço para a atuação de acadêmicos do Curso de Artes Visuais e produzindo materiais de pesquisa (projeto, relatórios, artigos, fotografias, documentos diversos e resumos publicados). Atuamos com um público variado tanto em idades quanto em repertórios a cerca da arte, contando com crianças de 8 anos e adultos com 65 anos. Destes, o predomínio de participantes sempre foi os pré-adolescentes e adolescentes vinculados a escolas e a programas sociais desenvolvidos pelo município. **Metodologia** O repertório desse público era, naturalmente, variado - por vezes com o senso de observação aguçado e com um bom conhecimento técnico na arte e por outras, com interesse, porém com conhecimento ainda básico na área, tendo como referências desenhos estereotipados. É importante salientar que, para a proposta do projeto, o maior ou menor conhecimento técnico na área de interesse era significativo somente no momento do diagnóstico de cada um, para que pudéssemos realizar um planejamento de como e a partir de que lugar orientá-los. Entendemos que cada indivíduo desenvolve o seu senso de percepção em função do meio que o cerca e, devido a ele, conceitos e repertórios são formados. Esses não são fechados, estão em constante movimento e transformação de aprendizagem. Esse processo acontece, por vezes, naturalmente a partir das experiências vividas no nosso cotidiano - e não menos significativas que as demais -, por outras, a partir da participação de agentes desencadeadores – como, por exemplo, a escola.

Vygotski. L. S. (1989, 103/7) nos fala de dois níveis de desenvolvimento dos indivíduos. O primeiro é o desenvolvimento real, ou seja, o que já foi consolidado pelo indivíduo permitindo que esse seja capaz de atuar de forma autônoma frente a situações as mais diversas, resolvendo satisfatoriamente essas questões. Aponta que este desenvolvimento é dinâmico, sendo alterado de acordo com o processo de aprendizagem do indivíduo. Associado a esse primeiro, o segundo nível é o desenvolvimento potencial que é estabelecido entre a relação do que o indivíduo já conhece e é capaz de realizar, com o que ele poderá construir. O processo de aprendizagem que resultou no

# SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUI 2013  
Ciência • Saúde • Esporte



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIV Jornada de Extensão

desenvolvimento real, também resultou em um conjunto de habilidades que estão presentes, porém numa instância menor, ou menos elaborada, que o primeiro. Pensamos que é nesse segundo nível - desenvolvimento em potencial- que atuamos, no sentido de fazer com que cada indivíduo percebesse sua potencialidade, desenvolvesse as habilidades necessárias e, consciente disso, fosse envolvido num processo de aprendizagem. Para que isso ocorresse, priorizávamos o atendimento individual, de acordo com a expectativa e o repertório de cada um. Essa questão foi uma das mais significativas, uma vez que pressupunha também um aprendizado para o grupo de ministrantes (professora e bolsistas) de desenvolver a capacidade e sensibilidade de aprender a ouvir cada indivíduo, perceber suas expectativas, questionar quando necessário e, a partir disto, propor ações que fossem importantes para o processo iniciado. Por entender que cada um de nós já traz consigo um conjunto de conhecimentos e, mais ainda, por saber que o grupo de participantes do projeto se interessava pela área de artes, o primeiro ponto após o diagnóstico era discutir um caminho a seguir, ou seja, decidir pelo material para propor uma temática inicial. O projeto objetivava fazer com que o estudante conseguisse atribuir significados no momento de aquisição de novos conhecimentos. Esse processo se dava ao passo em que conseguia estabelecer relações entre os novos conhecimentos e os já existentes, passando então a constituir “outro saber”. De certa forma, se constituía como aprendizado pessoal porque estava vinculado a sua experiência de vida, isto é, seu repertório até então adquirido, somado a uma nova informação. Esse processo se completava na medida em que desenvolvia, no estudante, a capacidade de análise crítica, de (re)organização de conceitos e de participação ativa no processo de aprendizagem. Nesse sentido, formava-se um processo dinâmico, significativo, sempre em transformação, com uma base de conhecimento em constante construção. Em outras palavras, uma nova aprendizagem será concretizada quando o conhecimento adquirido for incorporado pelo indivíduo e, conseqüentemente for relacionado com os conhecimentos que este já possuía, gerando novo conhecimento. Na prática, estimulávamos o aluno a buscar o material visual que correspondia à temática escolhida, fossem estas imagens ou objetos. A partir das escolhas, partia-se para a realização dos desenhos. Exemplificando este processo de aprendizagem, no primeiro momento, cada um fazia seu trabalho sem interferência do professor e, a partir do primeiro resultado, passávamos a apresentar alguns conceitos. Esse processo acontecia de acordo com o ritmo de cada um, portanto, procurávamos não apontar todas as questões presentes no trabalho num só momento. Dependendo da primeira resposta, começávamos a falar da linha, do traço, dos contornos fortes ou suaves, das proporções, do uso de espaço, do sombreamento, dos preenchimentos, das noções de perspectiva, dos cenários, das composições, dos movimento das figuras, das cores, das técnicas do uso de materiais, dos suportes, entre outras possibilidades . A cada momento, avaliando a resposta obtida a partir do estímulo anterior, propúnhamos uma nova questão ou (re)propúnhamos a mesma, porém, com uma explicação diferente - por vezes, faz-se necessário diversificar a forma de abordar uma mesma questão para que realmente ocorra a aprendizagem. Noutros, percebíamos que havia resistência quanto a uma questão apontada. Passávamos então a abordar outros assuntos para o processo e, quando percebíamos que a resistência não estava mais presente, retomávamos a questão. Resultados e discussão Esse processo, descrito de forma um tanto simplificada – afinal, no primeiro momento,



# SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUI 2013  
Ciência • Saúde • Esporte



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIV Jornada de Extensão

nos parece somente uma busca de vencer etapas pré-definidas – acontece, de uma maneira bastante complexa sendo impossível medir a quantidade de tempo necessário para que seja concluído. Assim, um dos principais desafios foi conseguir manter um mínimo de motivação em cada um dos alunos. O processo de aprendizagem pressupõe que cada um de nós esteja disposto a encarar novos desafios, erros e acertos, e além de tudo, reconhecer nossas potencialidades e limites a cada instante. Sabemos que os indivíduos aprendem rapidamente o que, naquele momento, apresentava-se como centro de interesse. Se estiver motivado, o aluno tende a se empenhar em conhecer cada vez mais sobre o assunto. Além disso, sabe-se que a relação entre a motivação e a aprendizagem é extremamente dinâmica. Quanto mais conhecemos um assunto que nos motiva, mais buscamos aprofundar esse conhecimento e, por consequência, mais motivados podemos ficar com os resultados que passamos a obter. Manter essa dinâmica de ensino foi o nosso desafio nesses treze anos de projeto. Conclusões Por fim, ao longo deste período, nas tardes das quartas-feiras, um grupo de pessoas que tinha em comum o interesse pelas artes do desenho e pintura, encontrava-se na sala de desenho do Curso de Artes Visuais. O convívio e a aprendizagem que ali acontecia, foi significativo para todos. De um lado para a professora e os bolsistas, por aprenderem a desenvolver uma proposta metodológica de ensino de atelier de artes - desconstruíamos conceitos pré-concebidos, diluíamos os estereótipos e ao mesmo tempo tentávamos manter um nível de motivação que instigasse o grupo para constantes descobertas de novas soluções para os seus trabalhos - de outro para os participantes que encontravam no projeto um espaço de aprendizagem de desenho e pintura, - que partem da observação do tema, representação e aprimoramento técnico, até o desenvolvimento de processos de criação. Muitos passaram por lá, muitas histórias estão registradas e certamente muito se levou desse espaço. Ficam seus registros e um número significativo de pessoas que passaram a compreender um pouco mais do universo das artes do desenho. Palavras-Chave: Atelier de artes, Ensino do desenho, Artes Visuais

Referências Bibliográficas Pillar, Analice Dutra. Desenho & Escrita como Sistemas de Representação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1996

Vygotsky, L.S. Pensamento e Linguagem. Col Psicologia e Pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 1989

